

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

— ANNO II — 18 DE FEVEREIRO DE 1883 — N.º 52 —

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Faro & Lino, Rua do Ouvidor

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

SUMARIO

GRAVURAS—André Hofer ennobrecido pelo imperador d'Austria. Amadores importunos. Caçada aos carneiros na America. Uma caçada ao albatroz.

TEXTO—Actualidades, por Gervasio Lobato. As nossas gravuras, por P. C.

A jarra chinesa, por Edmundo de L. Rosicler, por Bocage. Botocudos. O Commendador Mendosa, por D. João Valera.

ACTUALIDADES

muita gente que embirra seriamente com os de imprensa: muito escriptor notavel a quem

Eu não, graças a Deus; porque do contrario ha que tempos que não teria cabeça.

A gralha encontrou-me sempre invulneravel, e o salto achou-me sempre impassivel.

E' uma questão de temperamento, de feitio.

meus artigos.

E' uma receita facilima, salutar, e até de excelente gosto litterario:—nunca os ler.

Mesmo porque a não ser assim, se eu tivesse o mao sestro de ler todos os artigos, que a toda a hora



ANDRÉ HOEFER ENNOBRECIDO PELO IMPERADOR DE AUSTRIA

terríveis, a  
ra cabeça.

E além d'isso eu tenho uma receita infallivel para não me incomodar com os erros d'imprensa nos

estou escrevendo, ha que tempos teria morrido de aborrecimento.

Bem me basta escrevel-os.

Os outros que me leiam, que no fim de contas sempre estão de melhor partido—não os escreveram!

E notem que eu com a minha letra, que não faz honra alguma ao illustre calligrapho que foi meu mestre, e que ha pouco morreu, o sr. Manuel Nunes Godinho, tenho sido victima das mais horrorosas diabruras typographicas. Tenho e devo ter sido victima, tenho, porque sei d'algumas, devo ter sido, porque calculo todas as outras.

E entretanto nunca commetti até hoje uma errata.

Deixo-as á boa intelligencia dos meus leitores, como se costuma dizer no fim dos livros.

Entre os erros d'imprensa de que por acaso tive conhecimento, houve um que teria endoidecido qual-quer que não tivesse o meu feito.

Quem m'ò communicou foi o illustre jornalista Emygdio Navarro, então meu collega na redacção do *Correio da Noite*.

Eu tinha publicado ali um conto em cem linhas, cujo assumpto era approximadamente o seguinte:

Um rapaz que estava para partir para o Porto, no comboio da noite, foi encostado, quasi com o pé no estribo, por um amigo que lhe pediu cinco libras.

—Olha, não tenho aqui disponivel senão uma nota de dez mil réis, toma-a lá.

Mas antes de lh'a dar, obedecendo a um enguiço, escreveu-lhe nas costas, sem que o amigo reparasse, esta phrase que elle julgava de bom agouro:

*Volta breve, meu anjo*

E deu a nota.

Vae ao Porto, está lá doze horas, volta no comboio de retorno, chega de madrugada a Lisboa, e vae direito á rua do Norte, a casa do anjo dos seus sonhos, uma formosa hespanhola com quem vivia, sobe de vagar a escada, bate de mansinho á porta, para entrar sem ella o presentir, para a surprehen-der no seu somno.

Encontra á porta o gallego que ia ás compras.

—Ah! o senhor já de volta, diz o gallego espan-tado.

—Não faças bulha, a senhora ainda está a dormir?

—Ainda sim senhor.

—Bom.

O gallego desceu dois degraus, depois voltou a traz.

—E' verdade, o senhor tem ahi quinze tostões.

—Tenho, porquê? A senhora hontem á noite não te deu dinheiro?

—Deu, sim senhor, deu-me uma nota, mas eu não me entendo lá muito bem com estas coisas, por cau-sa dos trocos.

—Então toma lá os quinze tostões.

—Aqui está a nota, e desceu pela escada abaixo.

O rapaz ia a metter a nota na algibeira, mas quiz ver de quanto era.

Era de dez mil réis, e tinha uma coisa escripta nas costas. Affirmou-se, e leu com espanto, escripto pela sua letra.

*Volta breve, meu anjo.*

A nota tinha cumprido com rapidez de mais os seus desejos!

Pois sabem o que os compositores me fizeram a este contoso?

No segundo *Volta breve, meu anjo*, puzeram *Volta bom, meu amigo*.

Assim a nota não era a mesma, a honra da hespanhola estava salva, salva a lealdade do amigo, mas perdida, completamente, a idéa do conto.

E o Navarro contou-me esse caso furioso com os typographos; e eu fui tão heroico, que nem sequer n'esse momento solemne fiz uma errata!

Pois eu, que nunca fiz erratas vou hoje fazer uma errata, uma errata de dedicação.

Comprehendem bem que não se trata de mim. Trata-se d'um amigo, a quem eu metti n'estas danças do jornalismo e o jornalismo e os leitores de jornaes teem muito que me agradecer:—trata-se de Beltrão, o auctor d'um engraçadissimo conto que ha oito dias o *Jornal do Domingo* publicou com o titulo de *Polvarinho*.

Beltrão é o pseudonymo de um actor de muito talento, que tem um nome já muito illustre e glorioso nos annaes do nosso theatro.

Ha cousa d'um anno, eu que vivo com elle ha muitos annos, que conhecia bem a sua *verve* uber-rima e scintillante, o seu espirito brilhante que faz estoirar gargalhadas, nos cavacos intimos, improvisei-o escriptor d'um momento para o outro.

Um jornal de Lisboa que começára a publicar-se ha pouco, tivera uma desintelligencia com o seu chronista, um dos chronistas mais engraçados da moderna geração litteraria.

Fazia uma falta dos demonios, a chronica no jornal, e não havia quem a fizesse.

—Eu arranjo isso, amanhã tem cá uma chronica.

Fui ter com Beltrão:

—Meu amigo, vae fazer uma chronica para o *Figaro*, e manda-m'a amanhã.

Olhou-me muito espantado.

—Vae, não faltes com ella.

—Endoideceste?

—Não endoideci, anda, nada de discussões.

—Mas... uma chronica... eu...

—Não quero saber d'isso, amanhã ao meio dia quero a chronica em minha casa.

Quiz esquivar-se, discutir, fui inabalavel.

No dia immediato ás onze horas e meia tinha a chronica em minha casa.

E durante tres mezes, Má-noel assignou duas vezes por semana umas chronicas engraçadas, umas vezes melhores outras peiores, como acontece a toda a gente.

Veio o verão e as chronicas desapareceram.

Este anno Pinheiro Chagas obrigou Má-noel a ser Beltrão no *Diario da Manhã*.

E Beltrão marca um enorme progresso sobre *Ma-noel*, e as suas chronicas do *Diario da Manhã* teem sido magnificas e feito realmente successo.

No domingo passado estreiou-se elle como colla-borador n'este jornal, com um conto engraçadissimo, rapido, á maneira de Pierre Veron.

Mas, oh! ceus! n'esse conto os senhores typogra-phos deram um salto que tornou o conto inintelligivel.

Era apenas um salto de tres linhas, mas essas tres linhas eram indispensaveis ao conto.

Que fazer?

Lembrámo-nos de varios alvitres, entre elles o de mandar n'um papelinho a casa de todos os assignan-tes, as tres linhas que faltavam.

Mas isso estava fóra dos habitos da nossa terra, e essas tres linhas destruidas pelos assignantes do *Jornal do Domingo*, pelo tempo das amendoas, podiam

parecer uma extranha substituição dos versos estrangeiros cionaes:

N'este tempo de festas,  
Em que tudo são alegrias,  
Lembra-vos do pobre distribuidor  
Que vos leva o jornal todos os dias.

E para tirar do conto este desfecho en-carreguei-me de fazer a errata na

E vou fazel-a com todas

## ERRATA

No *Jornal de Domingo* n.º 51, do 2.º anno, 408, 1.ª columna ultimo paragrapho, onde se

«Passado tempo n'uma tarde d'agosto, o *Sago*, abrigado, á sombra benefica d'um casta-dos raios ardentes do sol, observava os trab-res que lidavam á debulha, no calçadouro da-deitava contas á sua vida, calculando por-venderia cada moio de trigo, no Redondo, p-ra de S. Francisco.

Era o *Tigre*, que silencioso mas com uma de etc., etc.

Deve lêr-se:

«Passado tempo, n'uma tarde d'agosto, o *magô*, abrigado, á sombra benefica d'um ca-ro, dos raios ardentes do sol, observava os tra-dores, que lidavam á debulha no calçadouro d-e deitava contas á sua vida calculando por-venderia cada moio de trigo, no Redondo, p-ra de S. Francisco.

Quando menos o esperava, sentiu que algum-sa lhe roçava brandamente pelas pernas.

Era o *Tigre* que, silencioso, mas como um-tude, etc., etc...

Está feita a errata, e está feita a chronica.

As erratas deviam-me bem estas *Actua* porque até hoje tenho-as sempre deixado em-

E no fim de contas é bem certo o proverb. fra-tas d'

—*Un bien fait n'est jamais perdu.*

GERVASIO LOBATO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

André Hefer  
conhecido pelo imperador de Austria

Quando, no fim do seculo passado, a Fr-se viu como que posta fóra da lei européa, po-tido a audacia de proclamar os direitos popu-e de inscrever nos seus codigos politicos as-lavras santas de «liberdade, egualdade e frat-dade» travou-se entre a Europa defensora do pa-do e a França que proclamava as idéas do fu-uma lucta medonha. Os reis do direito divino-cipitaram sobre a França as torrentes dos seus-dados, e a França, transformando em soldados, os seus filhos, não só repellio o inimigo, mar-gando aggressão com aggressão, foi levar po-torio dos invasores os males das invasões.

As necessidades da guerra authorisavam o pr-dimento militar dos Francezes, mas é certo que-tavam excedidos os direitos de defesa de-patriotismo dos out-Francezes, como o- contra os estrange-

A *Marselheza*.  
tria em perigo,  
hymno dos inv-  
cezes, tornade

da lucta, que principiaram a *mugir* pelas *campagnes* estrangeiras.

Emquanto se limitaram a bater os generaes doirados em todas as costuras, caminhou tudo admiravelmente, mas quando começaram a aboletar-se nas choupanas dos rudes habitantes do Tyrol, estes começaram a achar a graça um pouco pesada, e trataram de reagir.

André Hoefler era então um simples estalajadeiro, e começou a achar muito exquisto o ter assim de repente um grande numero de hospedes que não esperava, e que se esqueciam sempre de pagar. Depois a bandeira franceza era realmente muito bonita, e representava idéas sublimes e grandiosas, mas André Hoefler entendeu na sua rudeza que mais bonita é a bandeira nacional, a querida bandeira que tremula nos castellos a cuja sombra se brincou, se amou, se lidou e se morreu, e emquanto ás idéas, tambem lhe pareceu que ellas podiam vir sem ser na ponta das bayonetas, que são sempre umas detestaveis portadoras.

D'ahi resultou que André Hoefler, tomando alguns annos mais cedo uma resolução semelhante á que tomaram os guerrilheiros hespanhoes e portuguezes, tratou de aconselhar aos seus patricios que, em vez de aboletarem pacificamente os francezes, de lhes darem o seu melhor vinho e ás vezes as suas melhores raparigas, os hospedassem debaixo da fresca relva das montanhas e lhes dêsem balas, e lhes offerecessem em vez das boccas, de labios rosados, das gentis tyrolezas, as boccas muito menos rosadas das suas espingardas de caçadores.

O que é certo, é que, emquanto os generaes fardados de branco, doirados e emplumados, eram batidos a cada esquina pelos generaes francezes, André Hoefler, com o seu fato de caçador, batia os officiaes da republica, e conseguiu afinal pô-los no meio da rua.

Grato a esse beneficio, o imperador de Austria quiz recompensar de algum modo a bravura do intrepido guerrilheiro tyrolez, e lembrou-se de lhe mandar officialmente, por uma deputação solemne, cartas de nobreza.

E' esse momento da vida de André Hoefler que a nossa gravura representa.

Evidentemente André Hoefler não previra o caso, não deixou de lhe parecer isso um pouco extravagante. Alli houve engano certamente. Não foi precisamente no imperador de Austria que André Hoefler pensou quando pegou na sua espingarda para fazer, uma boa montaria aos inimigos da sua patria. O imperador esse lá tinha os seus generaes, os seus exercitos fardados de branco, a sua boa cavallaria de dolmans esplendidos que esvoaçavam elegantemente na fuga deante das boas descargas cerradas da solida infantaria franceza, lá tinha a sua boa e polida artilharia que aquelle estouvadete do Bonaparte apanhava aos braçados, tinha o seu general Mack, um grande general, o primeiro general do mundo, que foi derrotado sempre, mas sempre correctamente, o seu conselho aulico que ditava aos chefes, cá de longe, regras tão sabias, para elles não serem batidos de um modo contrario ás regras, para esses sim, para esses generaes, para esses conselheiros, para esses Macks, para esses coroneis de hussards, e para esses coroneis de pandours, podia o imperador de Austria destinar perfectamente as suas cartas de nobreza. Serviam-n'o, servisse-os. Mas elle não servia ninguem, elle não sabia sequer porque diabo era essa guerra, sabia unicamente que uma boa manha, uns rapazes — bellos rapazes que elles eram — tinham entrado pelo seu Tyrol dentro, com um ar insolente e ven-

cedor, que tinham dictado leis e dado ordens n'uma lingua que não estavam costumados a repetir os echos do Tyrol, que tinham cingido com o braço as cinturas flexiveis das bellas raparigas das montanhas de Inspruck, e, como isso lhe fizera ferver o sangue nas veias, saltára para a rua com a sua espingarda, e caçara os francezes como quem caça os cabritos montezes, e pozera-os fóra do seu Tyrol, ao som da sua propria *Marselheza*, porque, se esse hymno falla em patria invadida e em liberdade, e em amor das mulheres e dos filhos, que o estrangeiro insulta, não pôde servir — c'o a bréca! — para levar ao combate e á victoria os que invadem e os que insultam.

Era assim que raciocinava Hoefler, e talvez não raciocinasse muito mal. E' certo, porém, que elle, se batia nos francezes, nem era para molestar a republica franceza, que não tinha a honra de conhecer, nem para servir o imperador de Austria que morava lá em Vienna, aonde elle nunca fóra. Por isso o papelucho espantou-o, e a apparição d'esse sujeito fardado e bordado havia de parecer-lhe até de mau agouro. Assim fardados e bordados é que os seus tyrolezes fugiam na Italia diante de um corso baixo, magro e pallido, e sem fardas nem bordados, os seus tyrolezes faziam fugir pelo contrario os mais bellos granadeiros de França. Enfim vá lá! venham as cartas de nobreza, e seja André Hoefler o sr. fidalgo.

Pois tinha a sua razão André Hoefler. Antes de ser fidalgo tudo lhe corraera ás mil maravilhas, em 1796 e em 1805, sempre que lhe appareceram francezes nas montanhas do Tyrol. Em 1809 porém, torna de novo a campanha, e André Hoefler, que não era já guerrilheiro, mas general commissionado por S. M. o imperador de Austria, para dirigir a insurreição do Tyrol, foi batido como um general verdadeiro, e fusilado como um simples estalajadeiro que se mette onde não é chamado.

#### Amadores importunos

O assumpto do quadro é profundamente comico. Uma paizagista assentou em pleno campo a sua tenda artistica. Abriu a umbella protectora, dispoz a tela no cavallette, agarrou na palheta e nos pinceis, e começou a retratar, se assim podemos exprimir-nos, o campo que tem deante de si. Desviou-se porém um instante, quando já se espriava na tela a verdejante relva com os seus tons vivos e frescos. Entretanto appareceram inesperados visitantes para este museu de um só quadro. Um hom rustico, de chapéu alto amachucado, mais a sua vacca passaram por alli e quizeram apreciar o quadro. O homem achou bem, a vacca achou melhor. O homem parece ser conhecedor, mas a vacca é apreciadora de truz. Nunca vira, é certo, uma pastagem assim disposta, mas não discute os dons da Providencia. Se Deus Nosso Senhor houve por bem servir-lhe o seu jantar n'um prato posto assim, a vacca não faz questão de formulas, e investe com o sustento. Em duas lambidellas está a paisagem no estomago.

E' n'este momento que a pintora se volta, e dá com a ruina do quadro. O seu primeiro movimento é de desespero e de dôr, mas de certo, se reflectir bem, verá que não tem razão para se zangar, e que deve ficar pelo contrario perfectamente lisongeada.

Desde Zeuxis até hoje a lenda artistica tem sempre fallado de illusões produzidas pela perfeita representação de um objecto qualquer da natureza. Conta-se de Zeuxis que fez umas uvas tão bem feitas que iam os passaros depinical-as, de Domingos Antonio de Sequeira que pintou no fundo de um prato umas cerejas tão bem pintadas, que a mãe ia

guardal-as no armario. Pois se a auctora do quadro, que a nossa gravura representa, conseguiu fazer uma herva tão bem feita, que illudiu uma vacca profundamente interessada no assumpto, deve dar-se por muito feliz. Competio com Zeuxis, competio com Sequeira. Apelles, como sabem, tambem quando pintou uns cothurnos ou uns botins, se preferirem a locução moderna, acceitou as criticas de um sapateiro, mas quando o sapateiro, animado pela sua estreia, principiou a achar defeitos nas roupagens, então Apelles disse-lhe: *Ne sutor ultra crepidam*. E' de saber que Apelles disse-lhe isto em grego, mas o mundo inteiro tem sempre repetido a sentença em latim; façamos pois de Apelles um latinista. Pois se um sapateiro entende de sapatos, uma vacca deve entender de herva. Em vez por conseguinte de se zangar com a critica, a pintora devia sollicital-a. E como é que a vacca pôde exercer a critica? Escrevendo um folhetim? Ainda não chegámos a isso. Fazendo uma conferencia? Já se provou n'este jornal que as vaccas hespanholas não fallam francez nem bem nem mal. Então como havia de ser? Evidentemente do modo mais laconico e mais simples d'este mundo. A herva estava boa? A vacca lambia-a. A herva estava má? A vacca voltava o focinho. Lambeu? Está boa, está conferido o premio. A vacca só por si constitue o jury, que nenhum artista d'este mundo podera certamente recusar.

E' verdade que, se admittirem esses julgamentos, até nós nos prezaremos de ser grandes paisagistas. Lembra-se d'aquelle pintor que se encarregou de fazer um quadro, representando a *Passagem do mar Vermelho*? Não havia senão agua.

—Os judeus? perguntou-lhe alguém.

—Já passaram.

—Os egypcios?

—Já se affogaram.

Nós faríamos isso melhor ainda. Apresentariamos a um jury qualquer um quadro representando *uma pastagem*. O quadro não teria senão a lona.

—Onde está a pastagem? perguntar-nos-hia o jury.

—Estava feita com tal primor, que veio uma vacca e lambeu-a.

#### Caçada nos carneiros na America

Não são uns carneiros como outros quaesquer, esses animaes que ahi vão trepando pelos rochedos, são uns carneiros de uma raça especial a que se chama *Big-horns*, que quer dizer *grandes chavelhos*. Ora basta olhar para a gravura, para se reconhecer que justificam o nome perfectamente.

Os carneiros *big-horns* trepam com uma rapidez de cabras pelos rochedos, de forma que os caçadores têm de ir esperal-os aos altos pincaros. Ora os carneiros, que não supõem que haja quem se aventure como elles por essas altas regiões, quando chegam aos ultimos andares das montanhas, supõem-se já muito socegados, e apanham de subito o seu tiro.

Os caçadores não duvidariam trepar ainda mais para apanhar tão boa caça, porque os carneiros *big-horns*, além de terem esses immensos chavelhos retorcidos, têm tambem uma lã densissima.

O pello d'esses animaes, quando são novos, é de um branco amarellado como os cabritos, e os seus olhos são como os grandes olhos castanhos do antilope americano. A' medida que vão crescendo, vae-se tornando a sua côr mais sombria, as patas são na dianteira de um castanho escuro, quasi preto nos Joelhos; na extremidade das costas têm uma grande nodoa branca como o antilope tambem.

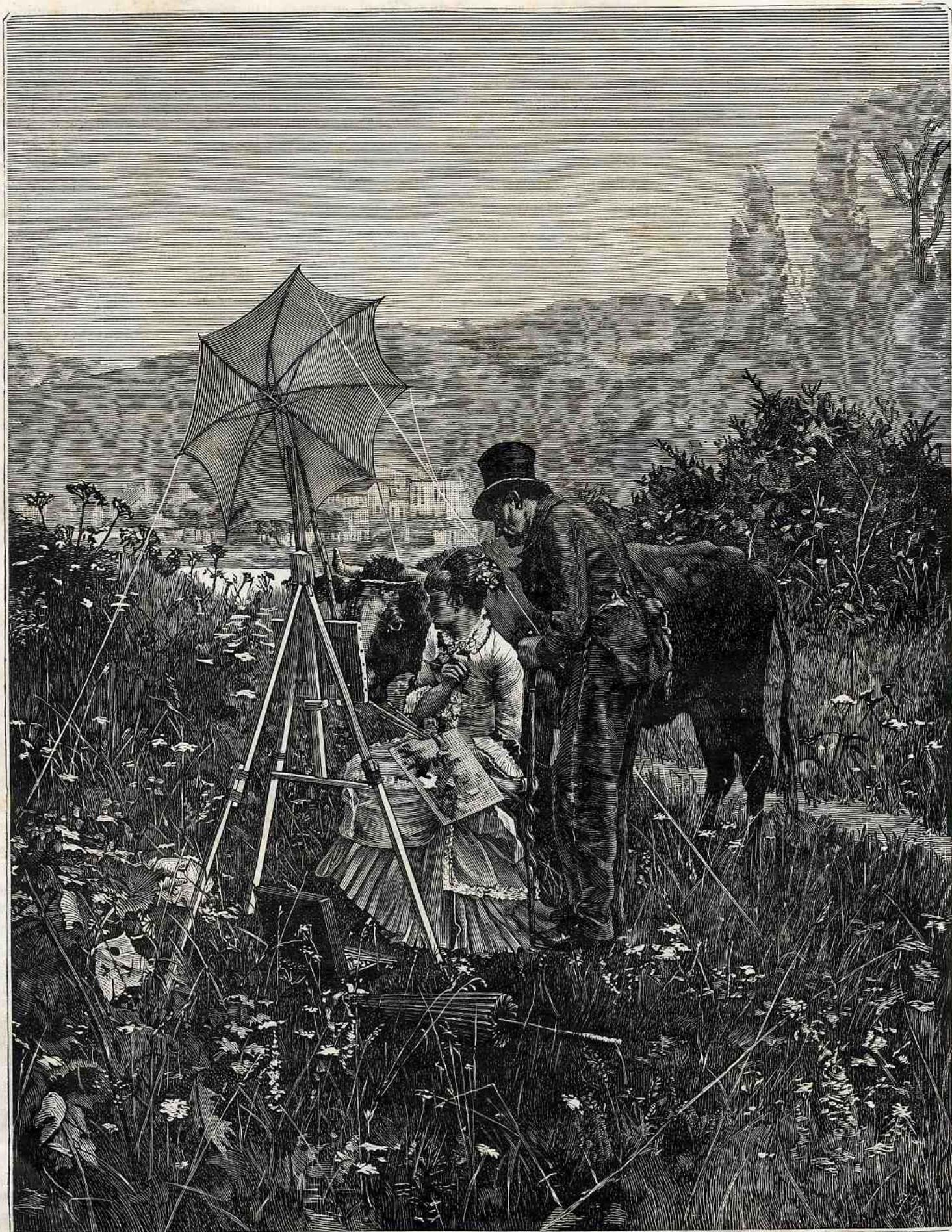
**Uma caçada ao albatroz**

Estes passaros, cognominados «Abutres do Oceano» por causa da sua voracidade, capturam-se com linhas próprias para este genero de pesca, se assim lhe podemos chamar, porque o modo de apanhar os albatrozes nem é bem pesca, nem bem caçada. O

bando numeroso para as costas do Kamtchatka, onde precedem sempre cardumes de peixes viajantes. Mas o mar d'Okhotsk e a ilha de Behring são as paragens mais frequentadas pelos albatrozes.

Estes passaros pertencem à ordem dos palmípedes. O comprimento do corpo é de mais de tres pés,

mesmo contra as gaivotas, que sempre vorazes e maldosas o inquietam e o perseguem. Devoram a sua presa com tanta soffreguidão, que muitas vezes metade do peixe fica fóra do bico, até que a parte engulida e dissolvida pela digestão deixe entrar a outra. Muitas vezes estão abarrotados a ponto que

**AMADORES IMPORTUNOS**

anzol e a isca d'estas linhas mantêm-se ao cimo da agua por meio de uma boia de madeira ou de cortiça.

Os albatrozes residem habitualmente no Oceano Austral, desde o cabo da Boa-Esperança até à Nova Hollanda. No fim do mez de junho dirigem-se em

a amplitude das azas de dez pouco mais ou menos, o primeiro osso da aza é tão comprido como o corpo todo.

Parece que com a sua constituição e as suas armas, o albatroz deve ser um passaro guerreiro. Longe d'isso, limita-se a conservar-se na defensiva

não podem nem voar nem fugir quando se approximam os barcos que os perseguem, e não têm outro recurso para repararem a liberdade dos seus movimentos senão o de vomitarem com grandes esforços o sustento que os sobre-carrega.

Ahi pelo mez de setembro, o albatroz construe

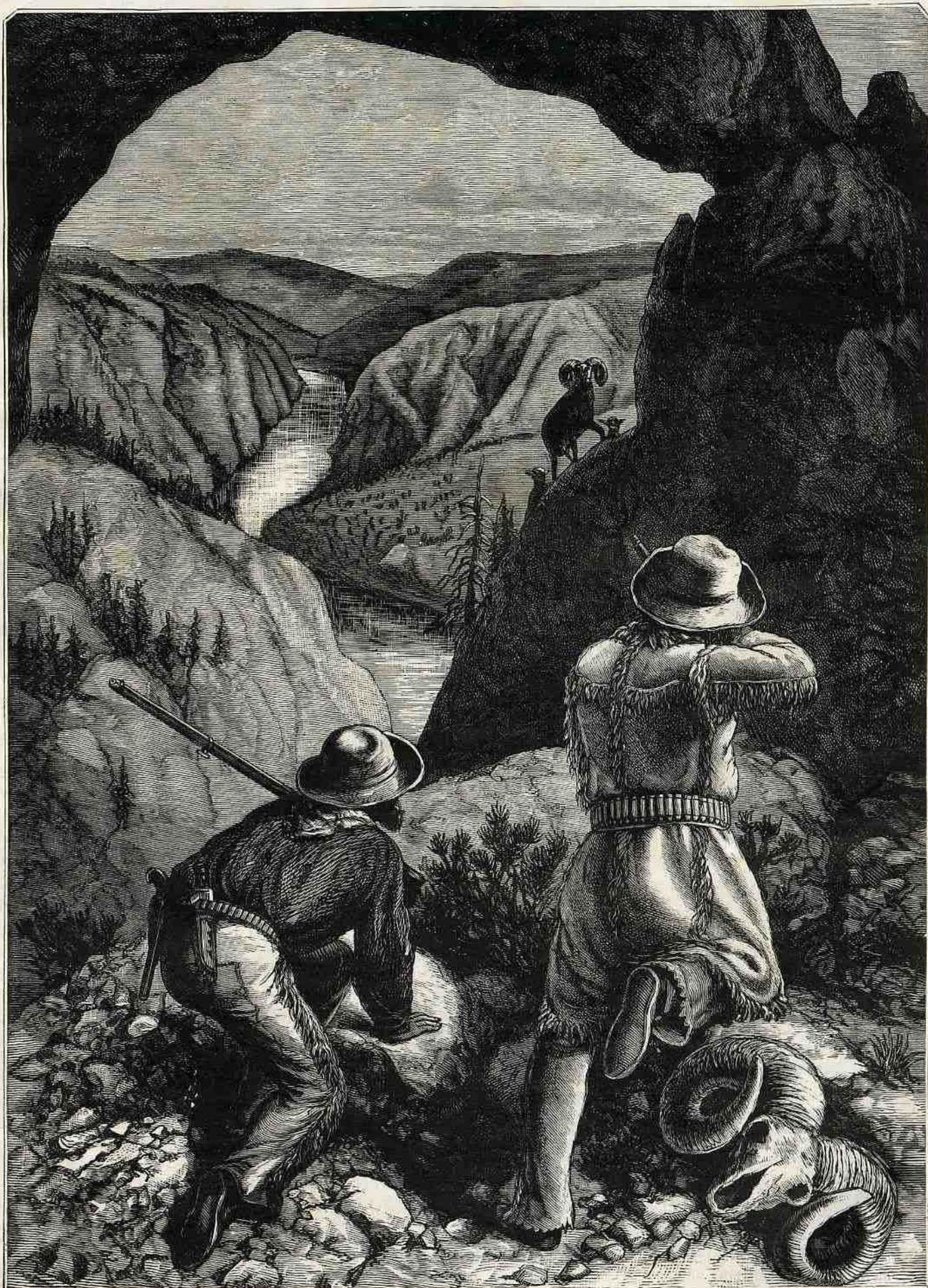
em terra, nas costas, um ninho formado de argila, cuja altura é de cerca de tres pés. A fêmea põe um grande numero de ovos, de quatro pollegadas e meia de comprimento, brancos e com manchas pretas. Esses ovos, que têm uma gêmma que não endurece na agua a ferver, são um sustento excellen-

A nossa gravura representa essa caçada-pesca em que os albatrozes são arrastados para dentro do navio como uns safios com azas.

P. C.

braços infantis não lhe abrangiam sequer a metade.

Passei horas inteiras a contemplar os mandarins, magestosos dentro dos seus vestuarios flammantes; a admirar-lhes as mulheres graciosas e requebradas que vergavam como flores ao sopro da brisa fagueira. Era inexcedivel o respeito que eu sentia pelos sol-



CAÇADA AOS CARNEIROS NA AMERICA

A JARRA CHINEZA

te. A carne do albatroz, que é dura e de mau gosto, só se come em occasiões de fome. O vôo do albatroz só se levanta no mau tempo, e quando a força do vento o arrasta para grande distancia das terras, descança e dorme em cima da agua, e a sua voz parece-se com o zurrar de um jumento.

Havia na sala de meu avô, uma jarra chinesa de tamanho espantoso e com um bojo enorme, coberto de desenhos extraordinarios. O comprido gargalo ia até grande altura, e alargava para a boeca. Os meus

dados de olhar feroz, armados com terriveis partasanas doiradas.

As flores phantasticas enviavam-me o seu estranho perfume, que me subia realmente ao pequenino cerebro, exaltando-o e passeiando-me á doida pelo bello paiz dos sonhos, que a infancia habita in-

genualmente, e com uma credulidade apaixonada.

Que medo que eu tinha dos dragões de cauda comprida, interminável; e que de raciocínios, de esforços e de verdadeira coragem, eu precisava empregar para decidir-me a desafiar com os meus dedinhos indiscretos os seus dentes amarelos e ponteados!...

Viam-se n'um mirante feito de bambús, de architectura phantastica e pouco solida, dois chinezes pequeninos, que pareciam vender saúde. Foram para mim bons amigos, pacientes, benevolos, attentos, escutando impassíveis, mas com ares de sympathia e sem darem o minimo signal de enfado, as compridas historias que eu, agachado ao pé da jarra, lhes contava baixinho e longamente. Poucos companheiros de mocidade me deixaram recordação mais agradável.

Vou porém fallar-lhes, cheio de pungitiva commoção, da querida dos meus primeiros annos, de Tchá-Tchá (dei este nome a uma linda chineza pintada na jarra): era a minha amiga, a minha favorita, a minha confidente, a depositaria fiel dos meus segredos, que ella nunca ha-de atraiçoar. Não podem imaginar sequer a belleza de Tchá-Tchá. Tinha uma pelle alvissima, destacava com brilho inextinguível do ventre, rubro e official, de um poderoso mandarim de compridas barbas côr da neve. Tchá-Tchá não era *coquette*. Nunca olhava para o mandarim, que parecia aliás pessoa de grandes teres. Depois que ella me conheceu, tenho a certeza de que não tornou a olhar para mais ninguem a não ser para mim. Oh! Tenho a certeza d'isto: espreitei-a horas e horas, escondi-me perfidamente para a espiar; fingi até dirigir galanteios a uma sujeita, magra e petulante, que estava junto d'ella, para ver se a colera e o ciúme poderiam alterar-lhe a constancia e a virtude...

Não! Fiel e meiga Tchá-Tchá! Só tu foste sempre a mesma para mim. Estás a toda a hora prompta a escutar-me. Sorris-me como no primeiro dia. Desafio o rico mandarim a que te roube ao teu pobre namorado.

E's fria, mas és boa. O teu affecto assemelha-se ao marmore de Carrara: gelado mas eterno.

Do fundo do coração, agradeço-te e abenço-te, Tchá-Tchá! Se não te enterneceres ao ouvir contar o que soffri, e se nenhuma lagrima humedecer a porcellana das tuas faces, quando eu te revelar as desgraças e os desesperos por que passei, reflectirei que em compensação nunca me ralhaste, nem me censuraste a infidelidade, a fuga, e as loucuras.

Tchá-Tchá tinha um vestido azul sobre uma saia amarella; do pescoço pendia-lhe um colar de ouro, e na cabeça ostentava-se-lhe um penteado muito alto, em fórma de diadema. Estava sentada n'uma cadeira prodigiosa, de formidaveis rodas. Com uma das mãos segurava o leque, e á outra encostava graciosamente a cabeça. A bocca era pequenina; os olhos, rasgados em fórma de amendoa, tinham um olhar meigo que bem conheço, mas que não quero descrever a ninguem. Meu pae e minha mãe nunca o souberam, desconfio todavia, que minha irmã mais nova adivinhou parte do meu segredo, mas creio que ella nunca soube com certeza, qual das damas da jarra chineza se dignava conceder-me o seu affecto.

Ao sentimento de extrema ternura que me inspirava Tchá-Tchá, associou-se uma curiosidade ardente. O gargalo da jarra, coberto de flores e de longos cipós entre, os quaes voltavam passaros de côres extravagantes, era alto de mais para que eu podesse chegar-lhe á bocca. Só com difficuldade, trepando

a uma cadeira, eu via de mais perto aquelle mundo de maravilhas, em que se expandia a mais incrível vegetação exotica.

Que haveria dentro da jarra?

Que terríveis mysterios conteria o seu bojo enorme? Talvez se agitassem ali monstros phantasticos, dragões de caudas descommunes. Eu era capaz de dar todos os brinquedos de meu irmão Jorge, para poder deitar os olhos para aquelle desconhecido.

Uma vez, vendo-me só por acaso, empurrei uma cadeira, até chegar-a bem á jarra, trepei para cima, puz-me nos bicos dos pés, e agarrando-me com ambas as mãos á borda de porcellana, tratei de levantar-me, com toda a força dos meus pequeninos pulsos, até á bocca do abysmo.

Fui subitamente interrompido na audaciosa escalada pela minha velha creada Anna, que agarrando-me vigorosamente me poz no chão atapetado da sala, dizendo-me:

«O menino quer morrer? Deixe estar que hei-de dizer tudo á mamã, para ella lhe prohibir que se chegue á jarra.»

Desatei em soluços. Podéra! Queria separar-me da minha Tchá-Tchá.

—Vamos, não chore mais, disse-me a Anna com pena de mim, não chore, que não faço queixa á senhora. Mas não torne a fazer outra. A jarra não tem dentro nada bonito que ver. E' toda muito feia.

## II

Passaram-se quinze annos.

As extravagancias e as paixões levaram-me para longe da casa paterna. Corri mundo, amei, soffri, e n'um bello dia, dolorido e quebrado pelo cansaço, o filho prodigo voltou a casa. Vinha pobre e triste.

Abriam-lhe a porta e elle entrou de cabeça curvada. A mãe hesitava em beijar-lhe o rosto envelhecido por amores indignos. A irmã, essa estendeu-lhe os braços e apertou-lhe sobre as faces descoradas os labios virginaes e quentes do sangue que vinha do coração.

O pae tinha morrido.

Quando o deixaram só na sala paterna, sala que lhe pareceu maior do que outr'ora, porque tinham desaparecido d'ali muitas pessoas que nunca mais tornariam, o filho prodigo, ao voltar a cabeça fatigada, deu com os olhos na grande jarra chineza, e em Tchá-Tchá que olhava para elle.

Então o que o aspecto da mãe, cujos cabellos tinham embranquecido completamente, o que a vista da irmã, que crescera sem se lhe eucostar ao braço, e d'aquella sala povoada de recordações não alcançara, conseguiu-o Tchá-Tchá com um só olhar.

O filho prodigo, soltou um grito dilacerante e cahiu de joelhos junto de Tchá-Tchá, a amiga da sua infancia, e applicou os labios á figura branca e fria.

«O' Tchá-Tchá, meu amor, como sou desgraçado, que de soffrimentos eu vou revelar-te! Se soubesses o quanto padei longe de ti, e o mal que me fizeram aquellas por quem te abandonei! Tchá-Tchá estou velho e alquebrado.

Hoje, para te fallar de mais perto, tenho que ajoelhar, em quanto que no tempo que já lá vae, a minha bocca, estando eu em pé, ficava exactamente á altura da tua.

Está tudo mudado!

Amei as outras como te amava a ti, com todo o meu coração, com toda a minha alma, porque me sentia devorado pela ardente necessidade de ternuras e de afeições.

Zombaram de mim, trahiram-me, abandonaram-me.

Queria apenas uma commoção aquellas perdulrias da moeda d'amor, a quem dei o coração inteiramente. Alcançada a commoção, fizeram o que faz o artista que deixa o instrumento de que tirou momentos antes sons divinaes, e que o abandona sem pensar que a alma do instrumento ainda está vibrando talvez.

Agora, Tchá-Tchá, acabou-se tudo. Estou de volta, e hei-de fallar-te longamente e baixinho, como nos dias da mocidade, mas não te poderei fallar do futuro ridente, mas sim do passado lamentavel.»

Depois o filho prodigo lembrou-se de repente de que a sua boa Anna lhe tinha dito uma vez: «A jarra não tem dentro nada bonito que ver. E' toda muito feia»

Hoje chega elle com a cabeça muito acima da bocca da jarra chineza.

Inclinou-se e olhou. Era tudo feio, realmente; a Anna tinha razão. No fundo avistou folhas seccas, pedaços de musgo que se desfaziem em pó, e cada-veres de flores. Uma pequenina mosca andava perdida, a bater com a cabeça de encontro ás paredes da jarra, zumbindo muito: fôra respirar o ultimo perfume de uma flor moribunda.

Então, do meio dos cipós e das plantas, tocando de leve na azã dos passaros phantasticos, passando muito juntos nos terraços, ao longo dos palacios, no meio dos soldados, dos mandarins, dos dragões e das mulheres, os phantasmas das suas illusões, mortas em plena mocidade, desfiaram em frente do filho prodigo, tão perto que elle podia chamar a cada uma pelo seu nome.

O desgraçado percebeu então a vida que tinha vivido; lamentou e chorou a confiança, os thesouros de ternura, de dedicação e de amor que semeara ao vento,

Viu passarem os sonhos dourados da sua infancia, com um cortejo enorme de flores, de borboletas, de sol e de alegria.

Ouviu o echo longinquo e quasi indistincto do seu balbuciar infantil, das alegres canções que improvisava para a sua amada, de vestido azul e amarello.

E a jarra chineza escudou o filho prodigo que confiava á velha amiga todos os soffrimentos.

Quando a mãe e a irmã entraram na sala, viram-n'o sentado ao pé do fogão, com o rosto transmutado, os olhos vermelhos. Mas parecia tranquillo.

Desde aquelle dia, o filho prodigo passa muito tempo em casa a fallar a miúdo com Tchá-Tchá. Esta, que tem experiencia do mundo, aconselha-o a que se case, mas não com uma chineza. As mulheres têm principalmente o *ciúme de campanario!*

O filho prodigo, bem o conheço, hade morrer solteiro.

EDMUNDO DE L.

## ROSICLER

### OS DOUS GATOS

Dous bichanos se encontrão  
Sobre uma trapeira um dia.  
(Creio que não foi no tempo  
Da amorosa gritaria).

De um d'elles todo o concheço  
Era dormir no borralho;  
O outro em leito de senhora  
Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde  
Espinhas apenas dava;  
Com exquisitos manjares  
O segundo se engordava.

Miou, e lambeu-o aquelle  
Peló ver da sua casta:  
Eis que o brutinho orgulhoso  
De si com desdem o afasta.

Aguda unhada vibrando,  
Lhe diz: «Gato vil e pobre,  
Tens semelhante ousadia  
Comigo, opulento e nobre!»

Cuidas que sou como tu?  
Asneirão, quanto te enganas!  
Entendes que me sustento  
De espinhas, ou barbatanas?

Logro tudo o que desejo,  
Dão-me de comer na mão,  
Tu laseras, e dormimos  
Eu em cama e tu no chão.

Poderás dizer-me a isto  
Que nunca te conheci,  
Mas para ver que não mintó  
Basta-me olhar para ti.»

«Ui! (responde-lhe o gatto,  
Mostrando um ar de estranheza)  
És mais que eu! Que distincção  
Póz em nós a natureza?»

Tens mais valor? Eis-aqui  
A occasião de o provar.»  
«Nada, (acode o cavalheiro)  
Eu não costume brigar.»

«Então (torna-lhe enfadado  
O nosso villão ruim)  
Se tu não és mais valente,  
Em que és superior a mim?»

Tu não mias? — Mio. — E sentes  
Gosto em pilhar algum rato? —  
Sim. — E o comes? — Oh! se o como!  
— Logo não passas de um gato!

Abate pois esse orgulho,  
Intratavel creatura:  
Não tens mais nobreza que eu,  
O que tens é mais ventura.»

BOCAGE.

## BOTOCUDOS

Fôra erro suppôr que todos os povos indígenas da America possuam o mesmo grau de cultura. As grandes civilisações do antigo Mexico e do antigo Pekin, a primeira com as suas construcções enormes, os seus palacios e templos sumptuosos, o seu luxo inaudito, a sua religião de Estado; a segunda com a sua poderosa disciplina militar, a sua dynastia divina; ambas finalmente com a sua extraordinaria organi-

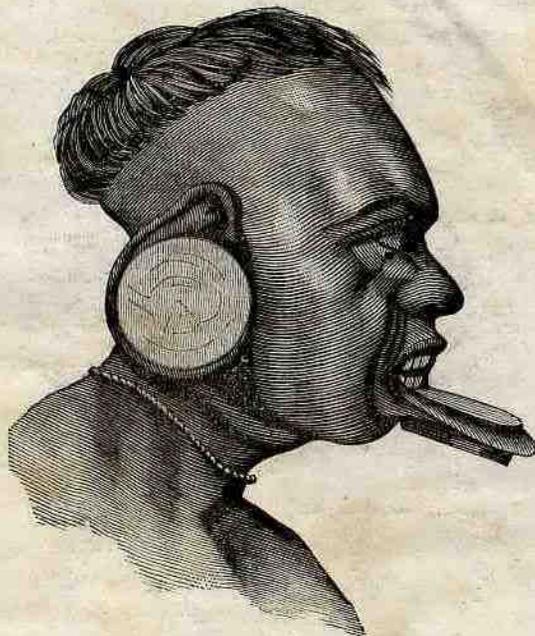
sação contrastam com a quasi totalidade das culturas do centro da America, principalmente com as do Norte e do Sul.

Um numero consideravel de povos d'estas ultimas regiões são ainda exclusivamente nomadas, vivendo da caça e da pesca, como, por exemplo, a maior parte dos indios do norte, que têm conseguido até hoje evitar o contacto com os brancos; os Corabecas das fronteiras do Chaco, que, attrahidos a S. Raphael pelos jesuitas, internaram-se outra vez nas florestas d'onde tinham sahido.

Outros mais adeantados são meio caçadores, meio pastores, porém sempre selvagens e indomaveis, como os Tobas e os Mbocobis da America Austral, os Mataguayos da falda oriental dos Andes, os Abipões das provincias de Corrientes e de Entre-Rios.

Outros, emfim, como os Sirionos, que vivem nas florestas que separam o Rio Grande do Rio Piray, os Botocudos, os habitantes da Terra doFogo devem por seu genero de vida completamente selvagem ser inscriptos nos infimos graus da escala humana.

Leiam-se as curiosas palavras em que d'Orbigny se refere aos primeiros: «São por tal forma selvagens e tão arraigados á sua primitiva independencia, que não quizeram nunca ter communicação com os Christãos. Ninguem se approximou d'elles senão com as armas na mão.



PERFIL DE UM BOTOCUDO

Vivem em familias esparsas e errantes no seio das florestas mais impenetraveis, votando-se exclusivamente ao exercicio da caça. Apenas levantam cabanas feitas de ramos, e desconhecem de todo em todo as commodidades da vida. Não ha facto da sua existencia, que não argua o estado selvagem mais completo. Têm por unica industria o fabrico das suas armas, que constam de arcos de oito pés de comprimento e flechas do mesmo tamanho, de que se servem a maior parte das vezes sentados, empregando o auxilio dos pés e das mãos para despedirem as lanças com maior força: só matam caça grossa. Os dois sexos andam completamente nus, e não trazem pinturas nem adorno de especie alguma.

Nas suas excursões diarias não fazem uso de pirogas; se lhes é necessario atravessar um rio, cortam cipós, amarram-nos em terra a uma arvore ou a estacas, que implantam para esse fim, enrolando-os em torno dos troncos retidos pelas correntes no seio das aguas, e formando assim uma especie de ponte, a que as mulheres se agarram para passar com as suas familias. Sempre que podem atacam as pirogas dos Moxos que sobem para Santa Cruz, e matam os tripulantes para se apoderarem dos ma-

chados e de outros instrumentos, de que estes andam sempre armados. Eis tudo o que logramos saber acerca d'esta tribu, sem duvida a mais selvagem da nação.»

A uma outra *nação* (para empregar o termo de d'Orbigny) pertencem os Botocudos, que habitam no Brazil, a uma certa distancia do oceano Atlantico, pouco mais ou menos na longitude em que a provincia de Minas Geraes se encontra com as da Bahia e do Espirito Santo. No seculo dezeseis ainda os havia em alguns pontos do littoral, onde tinham de luctar quasi diariamente com os colonos portuguezes, que os repelliram para a zona geographica, em que hoje se encontram. Dois rios que se dirigem de oeste para este, mais ou menos paralelos, formam o limite do seu territorio ao norte e ao sul; ao norte o Rio Pardo a dezeseis graus de latitude meridional, ao sul o Rio Doce, a dezenove graus da mesma latitude.

Alguns escriptores assignam-lhes uma extensão mais consideravel. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que os Botocudos estendem-se até as primeiras regiões habitadas da provincia de Minas Geraes.

O seu numero é pequeno. Certos authores avalliam-no em dois mil individuos; outros, como Santarem e d'Orbigny, vão até ao maximo de quatro mil.

A gravura, que hoje damos, representa o perfil de um *Botocudo*, tendo na orelha e no beijo inferior o disco de madeira, que principiam a usar desde os sete annos.

Estudaremos detidamente os Botocudos, analysaremos os seus principaes caracteres anatomicos, os seus habitos, a sua indole, faremos sobre estes habitantes de uma parte do interior do Brazil um pequeno estudo anthropologico, que se nos affigura interessante para os leitores do *Jornal do Domingo*.

## O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

(Continuado de pag. 408)

VII

— Clori é uma linda menina, muito minha amiga. A mãe vive com grande recolhimento, e não sahe nem deixa sahir a filha de noite. Por isso não veio Clori ao sarau; mas é minha visinha, e a mãe consente que passeie comigo em companhia de minha mãe. Se o tio quizer acompanhar-nos amanhã, iremos aos pomares ás dez horas, depois do almoço, por caminhos em que haja sombra. Clori tambem vae, e o tio pôde conhecê-la.

— Irei com muito gosto.

— Ah! tio! Pelo amor de Deus não lhe escape que D. Carlos está enamorado da minha amiga, e que ella é Clori. Olhe que é segredo. Só eu é que o sei. É preciso o maior cuidado, porque os paes d'ella querem unicamente D. Casimiro e nada transluz do amor de Carlos. Confiei o segredo ao tio para que não fosse julgar que Clori era eu, e que sem razão de especie alguma o tinhamos convertido em decrepito guardador de gado para dar assumpto aos versos.

— Fico satisfeito, menina, e não direi nada. Affirmo-te desde já que me inspira interesse a tua amiga Clori e que tenho curiosidade de a vêr.

D'este modo, e sem esperar, teve D. Fadrique um segredo com a sobrinha apenas chegou, e veio a figurar em intrigas e lances amorosos.

Pensando no caso, retirou-se para o quarto quan-

do os demais se retiraram para os seus, e dormiu até as oito da manhã, melhor do que um moço de vinte annos.

## VIII

D. Antonia amanheceu com uma tremenda enxaqueca, molestia a que era muito sujeita. Teve pois de ficar de cama, e não pôde acompanhar sua filha Luzia ao passeio; mas, como a doença não era de cuidado, e Luzia já tinha combinado o passeio com a amiga, decidiu-se que fossem acompanhadas pelo commendador.

A amiga de Luzia morava na casa immediata. Um muro separava os pateos de uma e outra habitação. Á hora aprazada, nove e meia em ponto, Luzia prompta para sahir com o tio ao lado, gritou do pateo ao pé do muro:

—Clara, (assim se chamava Clori na vida real) estás prompta?

rem um fogo suave e uma luz viva, quando se fitavam e abriam completamente. Em D. Clara tudo manifestava mocidade e vigor, ainda que em torno de seus olhos, fazendo-os parecer maiores e accrescentando-lhes o brilho, se notasse um circulo escuro como o lyrio roxo.

Era D. Clara mais alta do que a sua amiga Luzia, que era já bastante alta, e apesar de delgada, as suas fôrmas eram bellas e revelavam o precoce e completo desenvolvimento da mulher. O cabello de D. Clara era prettissimo, pequenos os pés e as mãos, a cabeça bem erguida e airosa.

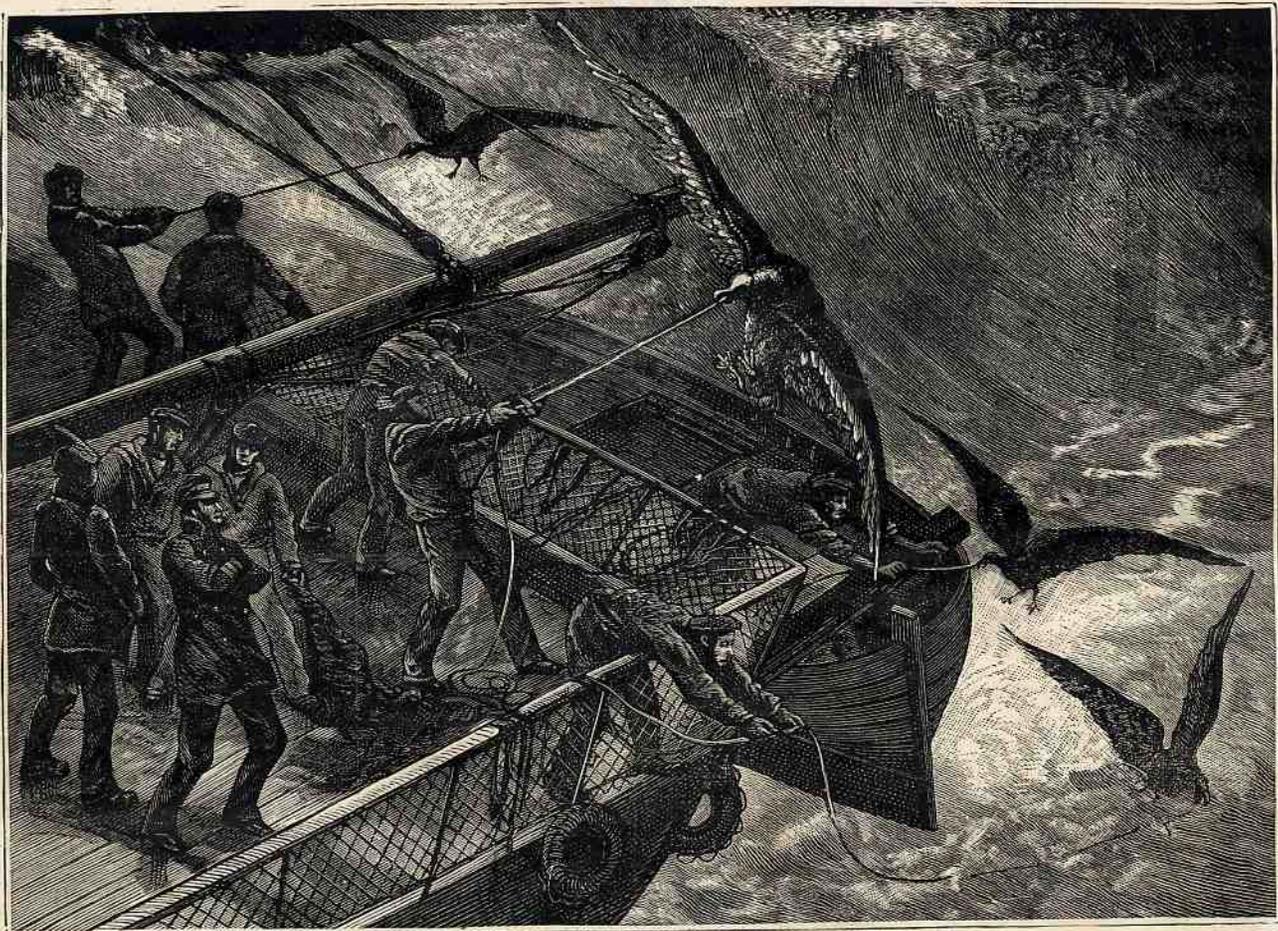
As amigas vestiam ambas de preto, com mantilha e vasquinha, e algumas rosas no toucado.

Luzia contou á amiga, que a mãe se achava indisposta, e que seu tio, o commendador, recém-chegado de Villabermeja, as acompanharia ao passeio. Além dos cumprimentos e ceremonias do costume, nada houve de memoravel na conversação, até que os tres

tidão de passaros anima-a e alegra-a com os seus trilos e gorgeios. Na Andaluzia, fugindo dos terrenos sêccos, buscando agua e sombra, refugiam-se as aves n'estes oasis de regadio, onde ha frescura e abobodas de folhagem.

Taes eram os sitios por onde passeiava o Commendador com as duas formosas raparigas. Apenas sahiram do povoado, tomaram o caminho a que chamam *o do meio*. Ellas colhiam flôres, delectavam-se ouvindo cantar os pintasilgos ou riam sem saber do que. O Commendador meditava, gozava de tudo, posto que mais tranquillamente do que ellas. Quando chegaram ao logar mais amplo, não a outro caminho mas a uma estrada, puzeram-se na mesma linha os passeiantes, que tinham ido um após outro. Clori estava no meio. Luzia disse então dirigindo-se ao tio:

—Já deve ter satisfeito a sua curiosidade. Esta é Clori. Não é verdade que merece ter inspirado o idyllio?



UMA CAÇADA AO ALBATROZ

A resposta não se fez demorar.

Ouviu-se primeiro a voz de uma creada, que dizia:

—Menina, menina, a sr.<sup>a</sup> D. Luzia está a chamar-a.

Um momento depois soou no pateo uma voz argentina e sympathica, que respondia:

—Lá vou, sahe para a rua; para que hei de entrar em tua casa?

Sahiram D. Fadrique e D. Luzia, e acharam já á porta D. Clara.

O commendador, apesar das suas distracções, mirou D. Clara com extraordinaria curiosidade. Era uma rapariga de pouco mais de dezeseis annos. A côr do rosto era de um moreno purissimo, tingido nas maxillas e nos labios pelo mais fresco carmin. A tez parecia tão suave, delicada e transparente, que facilmente se imaginava vêr atravez d'ella circular sangue pelas veias azues. Os olhos negros e grandes estavam quasi sempre escondidos pelas palpebras e pelas pestanas fartas e crespas, não obstante brota-

rem iam juntos, sahiram da cidade, e chegaram ao campo.

A pequena cidade é cercada de quintas por todos os lados. Muitos caminhos cortam essas quintas em diversas direcções. De um e outro lado de cada caminho ha uma cerca de romeiras, amoreiras bravas e outras plantas. Em muitos ha um ribeiro crystalino de cada lado; em outros, um só ribeiro. Todos elles gozam na primavera, no verão e no outomno, de abundante sombra, mercê dos alamos corpulentos e frondosas nogueiras, e outras arvores de todo o genero que se criam nas quintas.

A terra é alli tão fertil e generosa, que se não pôde imaginar o sem numero de flôres e a massa de verdura que cinge as margens dos ribeiros, esparzindo um aroma agradável e campestre. As campainhas, as rosas, as violetas brancas e rôxas, os lyrios e margaridas abrem alli os calices e ostentam a formosura.

O sol radiante, que brilha no céu e doira o ar diaphano, torna mais esplendida a scena. Incrível mul-

D. Clara, que apesar de mais moça do que Luiza, era mais reflectida e grave, sentiu que a amiga tivesse confiado ao tio aquelle segredo, e não pôde reprimir as mostras de descontentamento, franzindo as sobranceiras, fazendo-se mais séria e tingindo-se-lhe ao mesmo tempo as faces de vermelho, por causa da vergonha e desagrado.

Apesar de tudo D. Clara não disse nada; mas Luiza percebeu-lhe o desgosto e continuou assim:

—Não te zanges, Clarita. Não me accuses de linguareira. Meu tio pôz-me hontem á noite entre a espada e a parede, e tive que confessar-lhe tudo. Tive que desculpar-me e desculpar D. Carlos. Metteu-se na cabeça de meu tio que elle era o velho rabadão e que eu era Clori. Além d'isso, meu tio é de segredo e não diz nada a ninguém. Não é verdade, tio?

(Continúa).